

Artigos

Suellen Vilalva¹
Suzane Schmidlin Lohr²

Comportamento altruísta em crianças de dois a cinco anos de idade³

Resumo: O comportamento altruísta, estudado sob diferentes rótulos, é um comportamento de natureza moral essencial para a manutenção das relações humanas, está associado ao desenvolvimento socioemocional adequado e é um potencial inibidor do comportamento antissocial. O que é de extrema relevância, sobretudo na infância, já que a maioria dos comportamentos morais tem seu início nessa fase. Este estudo teve como principal objetivo investigar o relato verbal de crianças com idade de dois a cinco anos diante de situações-problema que trouxeram oportunidades para emissão de comportamentos altruístas. Objetivou ainda, de forma específica, investigar a percepção de pais e professores acerca das possíveis escolhas da criança. Os resultados demonstraram que mais da metade das crianças indicou respostas altruístas adequadas à situação-problema em questão. O que indica que, desde muito cedo, as crianças são sensíveis às necessidades de outros e torna possível refletir sobre as diversas formas pelas quais pais e professores, enquanto figuras de referência, podem planejar oportunidades para o exercício efetivo do altruísmo.

Palavras-chave: Altruísmo na infância. Comportamento Altruísta. Infância. Bondade.

Altruistic behavior in children aged two to five years

Abstract: The altruistic behavior, studied under different labels is a behavior of moral nature essential for the human relations maintenance, is associated with adequate socioemotional development and is a potential inhibitor of antisocial behavior. This is extremely relevant, especially in childhood since most moral behaviors begin at this stage. This study aimed to investigate the verbal report of children aged from 2 to 5 years in the face of problem situations that have brought opportunities for the altruistic behaviors expression. Additionally, the perception of parents and teachers about the child's possible choices was investigated. The results showed that more than half of the children indicated altruistic responses appropriate to the problem situation in question. This indicates that from an early age children are sensitive to the need of the others, and make it possible to reflect on the various ways in which parents and teachers as reference figures can plan opportunities for the effective exercise of altruism.

Keywords: Altruism in childhood. Altruistic behavior. Childhood. Kindness.

¹ Mestre em Educação pela Universidade Federal do Paraná (UFPR) na linha de pesquisa em Cognição, Aprendizagem e Desenvolvimento Humano, Pós-graduada em Psicopedagogia Institucional e Clínica pela Universidade Cândido Mendes (UCAM). Graduada em Psicologia pela Faculdade Evangélica do Paraná (FEPAR). Professora no curso de Psicologia da Faculdade de Administração, Ciências, Educação e Letras (FACEL) e Faculdade Herrero. E-mail: suellen.vila@gmail.com

² Pós-doutora em Psicologia pela Universidade de São Paulo com estágio em Lisboa. Doutora em Psicologia Clínica pela Universidade de São Paulo (1998) e Professora associada aposentada da Universidade Federal do Paraná (Departamento de Teorias e Fundamentos da Educação). Coordenou o Programa de Desenvolvimento da Educação na UFPR. E-mail: suzaneschlohr@gmail.com

³ Este estudo contou com o apoio financeiro da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

Introdução

A heterogeneidade de terminologias empregadas para a definição do termo altruísmo subsidia uma significativa discussão conceitual acerca do tema. Terminologias, tais como comportamento pró-social, bondade, solidariedade, comportamento social, comportamento social positivo, comportamento de cuidado, entre outras, combinadas a ausência de uma definição operacional clara, dificulta a identificação precisa de quais comportamentos podem ser efetivamente classificados como altruístas (LORDELO; CARVALHO, 1989).

Do ponto de vista filosófico, o altruísmo por vezes é referido como solidariedade e bondade (COMTE-SPONVILLE, 1999). Visto de um prisma etológico, ele é indicado como sinônimo de bondade. De Waal (2007) em suas observações com primatas, descreve-o, sob o rótulo da bondade, abarcando nesta categoria, comportamentos de ajuda, consolo, cooperação, partilha e retribuição. Estudos psicológicos apontam que o altruísmo está circunscrito em uma subcategoria de Comportamento Pró-Social, a qual compreende uma gama de ações específicas, tais como, ajuda, partilha, doação, cooperação (EISENBERG; SPINRAD, 2014; MARTIN-RAUGH; KELL; MOTOWIDLO, 2016). O altruísmo também tem sido investigado sob a designação de Comportamento de Cuidado. Lordelo e Carvalho (1989, p. 3) destacam sua preferência por tal terminologia afirmando tratar-se de “um termo menos comprometido do ponto de vista teórico”. Segundo os autores, tal nomenclatura descreve uma série de ações que mimetizam o comportamento adulto de cuidado e proteção destinado a outrem. De forma que sob esta denominação, estão incluídas ações de consolo, conforto, empatia, partilha, ajuda, cooperação, ensino, entre outras.

As concepções divergem, sobretudo, no que diz respeito às variáveis envolvidas e determinantes do fenômeno altruísta. Variáveis tais como: motivação, empatia, percepção do outro, origem genética e personalidade (EISENBERG; SPINRAD, 2014). Na perspectiva de Rushton, Chrisjohn e Fekken (1981) o altruísmo é traço de personalidade. Lencastre (2010) o define como uma emoção social derivada da compaixão. Outros autores (FALCONE et.al., 2008; KRUEGER et al., 2001; SCHLINGER, 1995) consideram o altruísmo um comportamento. E como tal, este poderia ainda se subdividir de acordo com a ênfases específicas. Krueger et al. (2001), por exemplo, consideram que o altruísmo é um comportamento raro. Outros consideram tratar-se de um comportamento pró-social (FALCONE et al., 2008; SCHLINGER, 1995). Dentre estes que o definem como um comportamento pró-social, alguns (FALCONE et al., 2008) destacam a existência de custos para o autor da ação, ou seja, tal conduta requer a renúncia de interesses próprios em prol das necessidades alheias. Dentre aqueles que consideram o altruísmo um comportamento, Schlinger (1995) classifica-o como comportamento moral e pró-social, tratando-se assim de um comportamento operante. Ou seja, um comportamento que opera sobre o meio, produzindo consequências neste e modificando-o, de forma que tais consequências retroagem sobre o

organismo que o emitiu, influenciando sua probabilidade de ocorrência futura (SAMPAIO; OTTONI; BENVENUTI, 2015).

Tendo em vista a complexidade de definições existentes, nesse estudo, com base em Schlinger (1995), o altruísmo será compreendido como uma subclasse de comportamento moral, a qual incluirá ações nas quais um indivíduo mobiliza-se para prestar algum tipo de auxílio a outro ou a outros, com a finalidade de fazer cessar ou reduzir sua tensão, angústia ou mal-estar – esta é sua função. Tais ações poderão ser manifestas de diferentes formas – esta é então sua topografia. Podem ser considerados como altruístas comportamentos como cooperação, partilha, consolo, entre outros.

A empatia tem sido apontada como um comportamento que antecede o comportamento altruísta (HOFFMAN et al., 2010). Assim, a habilidade empática a qual envolve aspectos cognitivos, tais como, (identificar e compreender a dor alheia) e afetivos (experimentar emoções relativas ao desconforto vivenciado pelo outro) permite ao indivíduo a sensibilidade necessária para que este se comporte de maneira altruísta.

Os benefícios de comportamentos de natureza moral, especificamente aqueles considerados altruístas ou pró-sociais, são encontrados em uma série de estudos. Sabbag (2017) salienta a importância da compreensão do comportamento pró-social em crianças como forma de prevenção de desajustamentos emocionais e comportamentais. Nesse mesmo sentido, Flouri e Sarmadi (2016) evidenciam que crianças capazes de demonstrar consideração por outras pessoas apresentam maior desenvoltura social e menores índices de problemas de comportamento ao longo da infância.

Considerando que a infância é um período de significativas aprendizagens, sobretudo no que diz respeito ao comportamento moral, alguns autores apontam que antes mesmo dos dois anos de idade, crianças apresentam um senso de justiça que influencia diretamente suas ações, e que a depender do contexto, elas podem vir a demonstrar comportamentos altruístas (BARRAGAN; DWECK, 2014). Este estudo contemplou o público infantil, revelando quais comportamentos crianças com faixa etária entre dois e cinco anos de idade relataram adotar em situações-problema com potencial para evocar ações de natureza altruísta, em especial, comportamentos de partilha, cooperação e consolo. Salienta-se, contudo, que pelo fato do estudo aferir o relato das crianças e não a observação direta de seus comportamentos, as repostas obtidas podem nem sempre expressar a realidade de suas ações na prática. Pois, os níveis de desejabilidade social que exercem forte influência sobre toda a história de aprendizagem de um dado indivíduo, podem ocasionar respostas em desacordo com a realidade (RESENDE; PORTO, 2017). Assim, os dados obtidos refletirão relatos verbais mediante a situações-problema que trazem a oportunidade para expressão infantil de comportamentos de cooperação, partilha e consolo.

Para aumentar a consistência dos dados obtidos, paralelamente foi investigada a percepção dos pais e educadores sobre o que eles acreditavam que deveria ser feito e como supunham que a criança teria respondido a situações-problema hipotéticas que traziam oportunidade para a emissão de comportamentos altruístas. Tal medida tornou-se necessária tendo em vista que da aprendizagem do comportamento altruísta, participam figuras de referência para criança.

Método

Participantes

A idade das 37 crianças participantes variou entre 2 e 5 anos, as quais distribuíram-se em: duas crianças - 2 anos (5.4%), treze crianças - 3 anos (35.1%), dezesseis crianças - 4 anos (43.2%) e 6 crianças cinco anos de idade (16.2%). A média de idade foi 3,70 (D.P. 0,812). Tais crianças eram provenientes de três Centros Municipais de Educação Infantil (CMEI'S) localizados na região metropolitana de uma capital da região sul do Brasil.

Participaram também três professoras com as idades de 33, 44 e 46 anos (média=41 anos) e um dos respectivos responsáveis por cada criança, sendo que um destes teve dois filhos incluídos no estudo, totalizando assim, 36 indivíduos com idades entre 20 e 52 anos (média=31 anos).

Instrumentos

Situações-problema infantis intituladas “O que eu faria se...”: Foram utilizadas e três breves narrativas ficcionais ilustradas, criadas pela pesquisadora, nas quais havia a exposição de personagens vivenciando situações que ofereciam oportunidades para que os participantes relatassem a emissão de comportamentos altruístas. Cada narrativa envolvia diferentes classes comportamentais sinalizadoras de altruísmo, as quais traziam oportunidades para expressão de comportamentos de partilha, cooperação e consolo. A seguir, a descrição de cada uma delas.

Cooperação: “Jack, você e outros amigos estavam jogando bola, de repente alguém chutou a bola alto e ela acabou presa em uma árvore. Jack saiu para tentar subir na árvore e pegar a bola para vocês continuarem o jogo. Você viu que Jack estava com muita dificuldade de subir na árvore e pegar a bola. Nesse caso, vendo Jack nessa situação, o que você faria?”



Partilha: “Chegou a hora do lanche na escola e nesse em especial, foi permitido que você trouxesse lanche de casa. Você decidiu levar um pacote de biscoitos e quando estava prestes a comer, ouviu um barulho estranho, olhou para o lado e lá estava João, o barulho vinha da barriga



dele e ele parecia estar com fome. Nesse caso, vendo João nessa situação, o que você faria?”

Consolo: “Era hora do intervalo na escola e você estava brincando com seus amigos quando de repente, você ouviu alguém chorando, quando olhou lá estava Bibi, ela chorava de soluçar. Você não sabe ao certo porque ela está chorando e nem mesmo o que aconteceu para ela ficar assim. Nesse caso, vendo Bibi nessa situação, o que você faria?”



As respostas obtidas foram classificadas e a cada uma delas foi atribuída uma pontuação específica: respostas altruístas – indicavam que a criança se mobilizaria a fim de aliviar o sofrimento, angústia ou tensão alheia (pontuação 4); respostas altruístas não correspondentes à situação – que indicam que a criança adotaria um comportamento altruísta, contudo, não coerente com a situação-problema (pontuação 3); respostas descontextualizadas ou que indicavam que a criança não sabia o que fazer – a criança fornecia respostas que não faziam sentido, ou ainda, dizia que não sabia o que fazer diante da situação-problema abordada (pontuação 2); respostas não altruístas – nas quais a criança evidenciava que adotaria comportamentos não altruístas (pontuação 1). As mesmas historietas envolvendo diferentes classes comportamentais sinalizadoras de altruísmo (cooperação, partilha e consolo) foram individualmente mostradas a cada professora e a cada responsável por cada criança. De forma que, cada professora e cada responsável deveria responder a duas perguntas: 1) O que achava que deveria ser feito em cada situação-problema; 2) O que supunham que seus a criança faria em cada uma das três situações. As respostas fornecidas em cada situação-problema receberam as mesmas pontuações descritas anteriormente.

Procedimentos

A pesquisadora, após entrar em contato com a Secretaria Municipal de Educação e obter autorização dela e do Comitê de Ética em Pesquisa com Humanos sob o número 56755616.2.0000.0102, selecionou Núcleos Regionais de Educação que possuísem ao menos 03 Centros Municipais de Educação Infantil (CMEI'S) nele circunscritos. Deste foram sorteados 03 CMEI'S para a aplicação da pesquisa. Após o aceite por parte da direção das instituições, as professoras foram informadas sobre o estudo e convidadas a autorizar a realização da pesquisa com suas turmas.

As crianças foram entrevistadas individualmente no próprio espaço educacional, especificamente em uma sala destinada para este fim. Assim, em dias e horários previamente definidos, individualmente cada criança era conduzida a uma sala de entrevista. No espaço reservado, a pesquisadora narrava então a cada criança as três historietas, e ao fim mostrava-lhes as ilustrações correspondentes, solicitando que dissessem o que fariam em cada uma das situações em questão. De forma semelhante, as professoras e

responsáveis por cada criança respondiam o que acreditavam que elas fariam e também o que deveria ser feito. As entrevistas foram registradas pro meio de gravação de imagem e voz.

Análise dos dados

As filmagens das entrevistas com as crianças, responsáveis e professoras foram transcritas e a partir das respostas fornecidas, foram criadas categorias operacionais das respostas verbais obtidas. Após a submissão de tais categorias a três juízes independentes, atingido o índice de concordância que variou entre 80% e 100%, as categorias passaram a compor o crivo de classificação das respostas utilizado para todas as respostas das crianças participantes da pesquisa.

Para análise dos dados obtidos, utilizou-se uma análise descritiva e exploratória por meio da qual os dados foram descritos em termos de frequência. Também foram realizadas múltiplas comparações entre as respostas fornecidas por crianças e pais e por crianças e professoras. Para tanto foram utilizados os softwares: R (Development Core Team 2016) e SPSS (Statistical Package for the Social Sciences) v.20.

Resultados

Das 37 crianças participantes do estudo, 54% (n=20) eram do gênero feminino e 46% (n=17) do gênero masculino. A faixa etária das crianças variou entre 2 e 5 anos, das quais duas crianças com 2 anos (5.4%), treze crianças com 3 anos (35.1%), dezesseis crianças com 4 anos (43.2%) e 6 crianças com cinco anos de idade (16.2%). A média de idade foi 3,70.

Em relação aos responsáveis pelas crianças, dos 36 participantes, um deles teve dois filhos incluídos no estudo, isso justifica haverem 37 crianças e 36 responsáveis. Houve maior concentração de entrevistas realizadas com mães (72.5%) se comparado a pais (27.5%). A faixa etária dos pais variou de 20 a 52 anos, sendo a idade média deles de 31,51 anos (D.P. 7,611). A escolaridade apresentada pelos pais variou de ensino fundamental incompleto a ensino superior completo. Sendo que 19.25% (n=7) dos pais possuíam ensino fundamental incompleto, outros 19.25% (n=7) ensino médio incompleto, 41.2% (n=15) ensino médio completo, 2.7% (n=1) ensino superior incompleto e 16.5% (n=6) ensino superior completo. Participaram da pesquisa, três professoras com idade entre 33 e 46 anos, sendo que duas delas possuíam magistério e uma delas ensino médio completo.

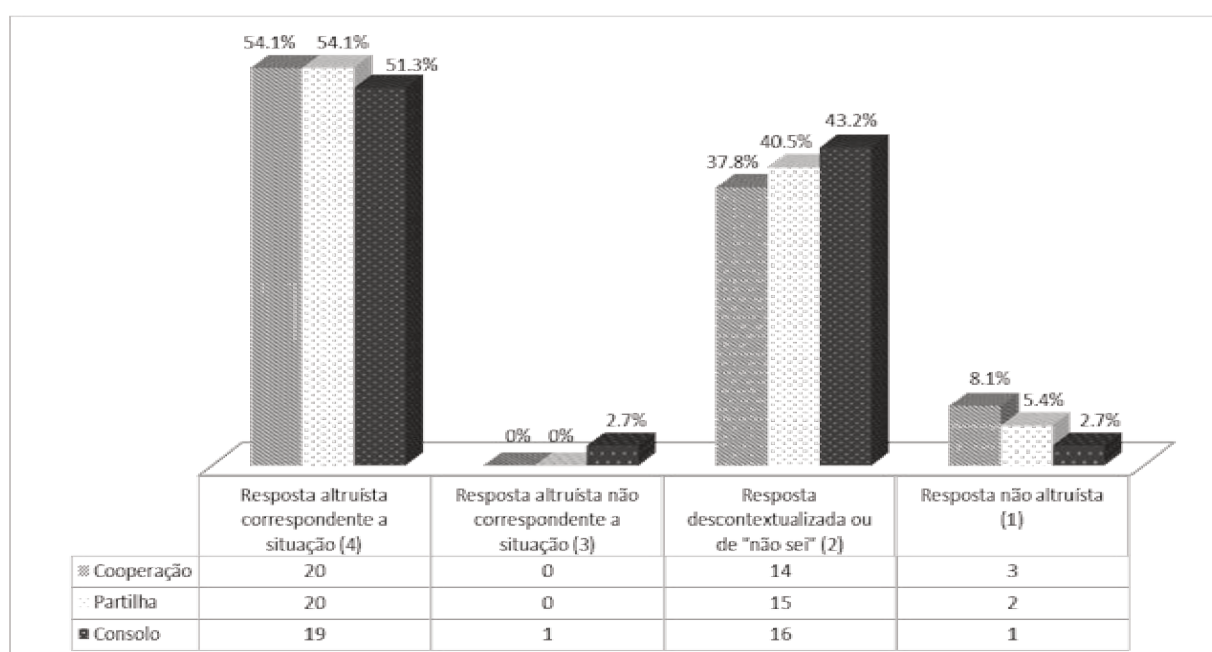
Das respostas infantis

Ao se deparar com as três situações-problema apresentadas (Partilha, Cooperação e Consolo), mais da metade das crianças (53.2%) relatou que se comportaria de maneira altruísta correspondente à situação. Outros 40.5% forneceram respostas descontextualizadas ou de não sei, 5.4% relataram que

comportariam de maneira não altruísta e 0.9% indicaram respostas altruístas não correspondentes à situação.

Em relação às respostas altruístas correspondentes à situação, verificou-se que nas três situações-problema houve uma distribuição aproximada, ou seja, Cooperação 54.1% (n=20), Partilha 54.1% (n=20) e Consolo 51.4% (n=19). Houve predomínio de respostas altruístas correspondentes à situação e baixo percentual de respostas não altruístas. De acordo com a especificidade das situações-problema, observou-se que no aspecto da Cooperação, houve maior frequência de respostas não altruístas, conforme demonstra a figura 1.

Figura 1: Distribuição dos tipos de respostas (1,2,3,4) das crianças de acordo com cada situação - problema



Fonte: Elaborada pelas autoras, dados extraídos do software estatístico, R Development Core Team (2016).

O segundo tipo de resposta mais frequente foi de respostas altruístas descontextualizadas ou de “não sei”, na qual se concentrou um maior número de crianças com faixa etária de dois e três anos. Em relação ao gênero, as meninas e meninos apresentaram um percentual aproximado de comportamentos altruístas correspondentes à situação.

Em função do tamanho da amostra do estudo ser relativamente pequena e do padrão de distribuição dos dados não seguir a normalidade, conforme recomendado por Pontes (2015), utilizou-se o Teste de Correlação de Spearman (1904), uma medida não-paramétrica que objetiva verificar o inter-relacionamento de variáveis. Em geral, se $p < 0,05$ (5%) considera-se que a correlação entre as variáveis trabalhadas é significativa.

Assim, a fim de averiguar a associação entre idade das crianças e respostas altruístas, aplicou-se o teste de correlação de Spearman (r_s) demonstrou haver correlação positiva significativa a nível 0.01 entre a

idade da criança e suas respostas nas situações-problema de Partilha (0,579) e Consolo (0,727). O que indica que à medida que a idade da criança aumenta, as respostas altruístas correspondentes à situação nas situações-problema Partilha e Consolo também aumentam. Também foi identificada correlação positiva significativa a nível 0.01 entre as respostas infantis na situação-problema de Partilha e Cooperação (0,496), Partilha e Consolo (0,733) e a nível 0.05 entre Cooperação e Consolo (0,332), o que demonstra que as respostas altruístas correspondentes à situação aumentam respectivamente.

Das respostas dos pais e professoras

Quando questionados quanto ao que deveria ser feito em cada situação-problema, 95.5% dos pais e 100% das professoras indicaram que as respostas adequadas deveriam ser altruístas correspondentes à situação. Não houveram indicações de respostas descontextualizadas ou que sinalizassem desconhecimento do que seria adequado tanto nas respostas apresentadas pelos pais, como nas das professoras. Em relação à especificidade de cada situação-problema, observou-se que a frequência média de respostas altruístas correspondentes à situação fornecida por pais e professoras foi 95.5% e 100% respectivamente.

Ao serem questionados acerca do que achavam que as crianças fariam em cada situação-problema, os pais indicaram que seus filhos se comportariam de forma altruísta correspondente à situação em uma frequência superior a *70%. Dentre as professoras, a única situação-problema que não recebeu mais de **50% de indicações de respostas altruístas correspondentes à situação foi a de Consolo.

Tabela 1: Percentual de respostas de pais e professoras diante das três situações-problema para o que supõem que a criança faria

O que a criança faria?													
	N	COOPERAÇÃO				PARTILHA				CONSOLO			
		1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4
Responsáveis	36	21.6%	2.7%	0%	*75.7%	18.9%	0%	0%	*81.1%	27%	2.7%	0%	*70.3%
Professora 1	1	0%	0%	0%	100%	0%	0%	0%	100%	*92.8%	0%	0%	**7.1%
Professora 2	1	28.5%	0%	0%	71.4%	7.1%	0%	0%	92.8%	21.4%	0%	0%	78.5%
Professora 3	1	44.4%	0%	0%	55.5%	44.4%	0%	0%	55.5%	77.7%	0%	0%	**22.2%

Fonte: Elaborada pelas autoras, dados extraídos do software estatístico, Statistical Package for the Social Sciences (SPSS) v.20.

Das comparações entre pais e crianças

Para comparar a percepção que os pais tinham acerca do que a criança faria e o que as crianças indicaram que fariam nas três situações-problema, as respostas passíveis de ocorrer, sinalizadas por numeração de 1 a 4 (4= respostas altruístas correspondentes à situação; 3= respostas altruístas não correspondentes à situação; 2= respostas descontextualizadas ou que demonstrassem desconhecimento do que fazer; 1= respostas não altruístas), foram confrontadas umas com as outras. Este processo permitiu

identificar o percentual de concordância das respostas do pai/criança ou professora/criança em cada situação-problema e de acordo com os diferentes tipos de resposta. As professoras obtiveram as seguintes concordâncias: Professora 1 – respostas altruístas correspondentes à situação: partilha, 21.3%; cooperação 35.5%; consolo, 0%. Esta professora apresentou uma concordância de 7.1% de respostas não altruístas na situação de consolo. Professora 2 - respostas altruístas correspondentes à situação: partilha, 56.8%; cooperação 63.9%; consolo, 71%. Professora 3 - respostas altruístas correspondentes à situação: partilha, 33.3%; cooperação 33.3%; consolo, 11%. Esta professora apresentou uma concordância de 11.1% de respostas não altruístas na situação de consolo.

Na comparação entre o que o pai indicou que deveria ser feito e o que a criança relatou que faria em cada situação-problema, houve maior índice de concordância em relação às respostas altruístas correspondentes à situação de Partilha (54.1%; n=20), enquanto o percentual de concordância nas duas outras situações-problema ficou em 43.2% (n=16) para a Cooperação e 45.9% (n=17) para o Consolo. Também houve concordância em respostas não altruístas (2.7; n=1) e resposta descontextualizada (2.7; n=1).

Em relação ao que o pai indica que a criança faria e o que a criança relata que faria, observou-se uma frequência de concordâncias bastante próxima no que se refere às respostas altruístas correspondentes à situação: Partilha 40.5% (n=15), Cooperação 43.2% (n=16) e Consolo 40.5% (n=15). Foram verificadas outras concordâncias para as respostas não altruístas na situação de Cooperação (2.7%; n=1), e não altruístas (2.7%; n=1) e descontextualizadas no Consolo.

Das comparações entre professoras e crianças

Para as comparações entre as respostas das professoras e das crianças, foi utilizado o mesmo procedimento designado para a comparação das respostas dos responsáveis e crianças.

Em relação ao que professoras indicam que deveria ser feito e o que a criança disse que faria, para a professora 1, a qual respondeu ao instrumento em relação a quatorze crianças, houve concordância apenas em relação ao tipo de resposta altruísta correspondente à situação de Partilha (21.4%; n=3), Cooperação (35.7%; n=5) e Consolo (7.1; n=1). Para a professora 2, a qual respondeu por outras quatorze crianças, as concordâncias foram: Partilha (85.7%; n=12), Cooperação (71.4%; n=10) e Consolo (92.8%; n=13). Para a professora 3, a qual respondeu por nove crianças, o percentual de concordância nas três situações-problema foi de 55.5% (n=5).

No que diz respeito ao que a professora indicou que a criança faria e o que a criança relatou que faria em cada situação-problema, houve predomínio de discordância entre as respostas das professoras e crianças, sendo o percentual de concordâncias expresso na tabela 2. Observa-se que a professora dois apresentou maior percentual de concordância em todas as situações. E que as demais concordâncias estão concentradas nas respostas altruístas correspondentes à situação, exceto pela situação-problema de consolo.

Tabela 2: Percentual de concordâncias acerca do que professoras indicam que crianças fariam e o que as crianças relatam que fariam

PROFESSORA 1												
Pont.	PARTILHA				COOPERAÇÃO				CONSOLO			
	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4
% (n=1)	0%	0%	0%	*21.3% (n=3)	0%	0%	0%	*35.5% (n=5)	7.1% (n=1)	0%	0%	0%
**PROFESSORA 2												
Pont.	PARTILHA				COOPERAÇÃO				CONSOLO			
	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4
% (n=)	0%	0%	0%	*56.8% (n=8)	0%	0%	0%	*63.9% (n=9)	0%	0%	0%	*71% (n=10)
PROFESSORA 3												
Pont.	PARTILHA				COOPERAÇÃO				CONSOLO			
	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4
% (n=)	0%	0%	0%	*33.3% (n=3)	11.1% (n=1)	0%	0%	*33.3% (n=3)	0%	0%	0%	*11.1% (n=1)

Fonte: Elaborada pelas autoras, dados extraídos do software estatístico Statistical Package for the Social Sciences (SPSS) v.20.

Discussão

Considerando que este estudo foi baseado em medidas de autorrelato, levou-se em conta a possibilidade de as crianças responderem em desacordo com a realidade, fornecendo respostas socialmente esperadas. A fim de tornar mais consistentes tais relatos, adotou-se como medida alternativa a coleta de outros avaliadores independentes, entre eles pais e professores, conforme De Backer et al. (2015) recomendam que seja feito.

Face ao objetivo geral do estudo que foi investigar o relato verbal de crianças com idade de dois a cinco anos mediante a situações que possibilitavam a emissão de comportamentos altruístas, constatou-se que nas situações-problema de Partilha, Cooperação e Consolo, mais da metade das crianças relatou que se comportaria de maneira altruísta correspondente à situação. O que parece condizente com a literatura que aponta que em humanos, comportamentos de natureza altruísta podem ser expressos por meio de uma variedade de atividades, incluindo cooperação, partilha de recursos (BLAKE; RAND, 2010), fornecimento de ajuda (WARNEKEN; TOMASELLO, 2011) e promoção do conforto (JACKSON; TISAK, 2001). Os fatores relacionados ao desenvolvimento de comportamentos altruístas englobam muitas variáveis, como fatores genéticos e aspectos ambientais, incluindo os contextos sociais dos quais a

criança participa, suas relações e padrões de interação (NEWTON et al., 2014), o que torna inviável inferir uma causalidade para existência de comportamentos dessa natureza.

Apesar da proporção das crianças por faixa etária (2, 3, 4 e 5 anos) não obedecer a um padrão de igualdade, observou-se que crianças mais velhas, ou seja, de 4 e 5 anos de idade, apresentaram maior frequência de relatos de comportamentos altruístas correspondentes à situação. Esse achado parece ajustado ao estudo de Chen, Zhu e Chen (2013) que ao investigarem o comportamento de Partilha na infância, identificaram que crianças de 4 anos de idade partilharam significativamente mais adesivos com seus amigos do que com estranhos. Embora tal descoberta sugira que os mecanismos subjacentes aos comportamentos altruístas do ser humano para com amigos e estranhos podem diferir desde muito cedo e este não tenha sido o foco da presente pesquisa, o paralelo entre os dados demonstram que crianças com essa faixa etária podem tanto relatar ações altruístas frente a situações-problema hipotéticas quanto podem expressá-las em situações reais.

Leimgruber et al. (2012) indicaram que aos 5 anos de idade, a generosidade das crianças é fortemente influenciada tanto pela presença de audiência visível quanto pela transparência de suas ações. Embora pistas de transparência e audiência não tenham sido planejadamente objeto da investigação da presente pesquisa, é possível que tão somente a presença da pesquisadora tenha assumido este papel, influenciando os tipos de resposta fornecidos pelas crianças. De igual maneira, os dados sugerem que nesta idade, crianças não somente relatam altruísmo por meio de ações, mas aproveitam as oportunidades para expressar este tipo de comportamento.

Em relação aos achados referentes às crianças de 2 e 3 anos de idade, encontrou-se um elevado índice de respostas descontextualizadas ou de “não sei” nessa faixa etária. E embora estudos de Warneken e Tomasello (2011) apontem que crianças com esta faixa etária são capazes de ajudar os outros a alcançarem seus objetivos, bem como partilhar seus brinquedos (SCHMIDT; SOMMERVILLE, 2011) e sentir empatia com aqueles que estão machucados, ou em angústia (ZAHN-WAXLER et al., 1992), não foram encontrados relatos que reproduzissem este tipo de comportamento frente às situações-problema apresentadas a crianças participantes desse estudo.

Embora alguns achados apontem que desde a primeira infância crianças são capazes de expressar comportamentos altruístas, há um desafio no que se refere à identificação dos fatores envolvidos na aquisição e manutenção de comportamentos dessa natureza, o que dificulta uma explicação clara acerca da razão pela qual as crianças de 2 anos de idade apresentaram respostas descontextualizadas ou que expressavam um desconhecimento do que fazer. Hipotetizou-se dessa forma que, as crianças do estudo, talvez por serem jovens não tenham compreendido as perguntas que lhes eram dirigidas ou que talvez não tivessem um repertório verbal suficientemente estabelecido para fornecer respostas diferenciadas. Contudo, poderiam, ainda assim ser capazes de cognitivamente reconhecer sinais que indicam a necessidade de ajuda no sentido prático, conforme descreve o estudo de Warneken e Tomasello (2011).

Em relação à especificidade de cada situação-problema, do ponto de vista evolutivo, o comportamento de partilha e cooperação estão associados (KAPLAN; GURVEN, 2005). Tal associação

pode ser exemplificada por meio do estudo de sociedades caçadoras, nas quais a prática da caça exige que os membros de um mesmo grupo social trabalhem cooperativamente a fim de obter alimentos (ALLEN-ARAVE; GURVEN; HILL, 2008). A partilha de provisões ao longo do tempo contribuiu para a evolução do sistema moral, e ainda hoje pode ser considerada uma prática eliciadora do comportamento cooperativo (DE BACKER et al., 2015). Em relação à cooperação, mais da metade das crianças relataram comportamentos altruístas correspondentes à situação, demonstrando uma sensibilidade em relação ao próximo e suas necessidades e corroborando achados que salientam o benefício do trabalho em grupo desde os tempos mais remotos.

Os dados encontrados indicam que na situação-problema de Partilha, mais da metade das crianças do estudo demonstrou comportamento altruísta correspondente à situação. O que vai na direção de achados literários que demonstram que crianças são capazes de prestar atenção cuidadosamente na forma como um pedaço de bolo é cortado, servido e assim, refletir sobre igualdade e justiça (DE BACKER et al., 2015). O momento das refeições tem sido considerado rico em oportunidades importantes para o desenvolvimento de noções sobre regras, autocontrole e comportamentos altruístas. Para os autores, incentivar a partilha está além de dividir para aplacar a fome do próximo, é uma maneira de treinar crianças e adolescentes para se tornarem adultos pró-sociais.

A partilha também aparece em estudos (CHERNYAK; KUSHNIR, 2013) que têm como foco o comportamento de consolo. No estudo mencionado as crianças foram capazes de se sensibilizar com a tristeza alheia, ainda que tal tristeza não seja propriamente humana (bicho de pelúcia), e diante disso são capazes de partilhar recursos que lhes são atrativos (adesivos), mesmo quando tais escolhas lhe são custosas.

Pertinente aos achados que salientam que crianças pequenas expressam preocupação quando outros estão em sofrimento, sendo capazes de se mobilizar em direção ao próximo a fim de aliviar seu desconforto e angústia (ZAHN-WAXLER et al., 1992), no presente estudo, os achados apontaram que situação-problema de Partilha, mais da metade das crianças demonstrou comportamento altruísta correspondente à situação.

Pais e professoras, ao serem questionados acerca do que deveria ser feito em cada situação-problema, forneceram uma frequência média de respostas altruístas correspondentes à situação de 95.5% e 100% respectivamente, demonstrando que os dois grupos de referência para a criança têm notável conhecimento de quais comportamentos seriam adequados diante de situações específicas que demandam respostas altruístas. O que pode diretamente influenciar o padrão de aprendizagem de comportamento altruísta de tais crianças.

Ao confrontar as respostas dos pais acerca do que acreditavam que seus filhos fariam e as reais indicações de resposta das crianças, observou-se que os pais indicaram que seus filhos se comportariam de forma altruísta correspondente à situação em uma frequência superior a 70%, o que não foi evidenciado na mesma intensidade nas respostas relatadas pelas crianças, as quais descreveram respostas altruístas em uma frequência de 53.2%. O que evidencia certo descompasso entre respostas altruístas indicadas pela

criança e a expectativa de seus pais, com pais demonstrando maior expectativa em relação aos comportamentos altruístas indicados pela criança do que de fato elas afirmam que adotariam. Tal diferença pode encontrar alguma explicação na forma como os pais se percebem na educação moral dos filhos, e na real maneira como suas ações influenciam de fato o comportamento deles. Sabe-se que, desde antes do nascimento dos filhos, pais possuem expectativas em relação a seus filhos; contudo, nem sempre tais expectativas correspondem à realidade (GONÇALVES; BOTTOLI, 2016).

Sabe-se que a capacidade da criança agir de maneira altruísta (pró-social), depende em muitos aspectos depende das orientações e estímulos que recebe dos adultos, e à medida que ela vai crescendo, tende a se tornar mais independente, compreendendo sinais de que o próximo necessita de ajuda (SABBAG, 2017). Contudo, há uma série de variáveis intervenientes que afetam todo este processo comunicativo, levando a criança a se comportar ou não da forma como seus pais preveem.

No que diz respeito ao que as professoras indicaram que as crianças fariam e o que estas relataram que fariam em cada situação-problema, houve maior índice de concordância entre as respostas altruístas correspondentes à situação de ambos nas três situações-problema relatadas pela professora dois. Porém, a correspondência entre o que a professora conjectura que a criança faria e o que a criança responde que faria é baixa em relação as três professoras, ou seja, o índice de correspondência entre as respostas dadas pelas crianças difere bastante das respostas conjecturadas pelos professoras sobre o que de fato a criança faria. Uma suposição é que as professoras podem ter atribuído menor ou maior frequência de respostas altruístas para algumas crianças de acordo com a afinidade que têm com elas, indicando respostas de natureza não altruísta para aquelas com as quais não tinham tanta afinidade ou proximidade e respostas altruístas para aquelas com os quais tinham maior afinidade.

Conclusão

Tais dados incitam a reflexão sobre a discrepância acerca do relato das crianças e das expectativas de suas figuras de referência, a saber, pais e professores. Estariam os responsáveis pela criança e seus professores, sensíveis às manifestações de comportamentos morais? Estariam as figuras de referência para a criança, promovendo um ambiente rico em oportunidades para a expressão de comportamentos empáticos, cooperativos e de cuidado para com o próximo? Saberiam sobre a importância de seu papel na formação moral da criança, ou como planejar contingências destinadas a aquisição de comportamentos morais?

Pais e professores são agentes socializadores que fornecem importantes regras e modelos de ação para a criança, e há uma intersecção entre o ambiente familiar e moral no que diz respeito à formação moral da criança (GOMIDE, 2010). A autora destaca haver correlações entre estilos parentais e comportamentos pró-sociais apresentados pelas crianças.

Ao interagirem com seus filhos de maneira afetuosa e empática; explicitarem sua opinião, aprovação ou desaprovação através de situações vividas por eles próprios,

pelos filhos ou por outras pessoas; responsabilizarem-se e repararem um dano causado a alguém, os pais estarão oferecendo modelos de valores esperados ambiente familiar e que serão generalizados em outras circunstâncias (GOMIDE, 2010, p. 27).

A família, contudo, não atua isoladamente. Há uma intersecção entre educação e família havendo uma divisão no que diz respeito à tarefa educativa. DeVries e Zan (2007) caracterizam o espaço educativo como um ambiente sócio-moral, pois nesse espaço são vivenciadas diversas situações envolvendo pares, grupos, relações de amizade, competição, rivalidade, aprendizagem, entre outras (DESSEN; POLÔNIA, 2007). Nesse sentido as propostas pedagógicas próprias a este espaço devem fundamentar-se na criança como elemento central de todo planejamento curricular, promovendo a autonomia e novas formas de sociabilidade e subjetividade (BRASIL, 2009). Pois, por meio de interações contínuas e vivências cotidianas, a criança “constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade (BRASIL, 2009 p. 1)”.

A própria Constituição da República promulgada em 1988 aponta para esta direção ao prever como objetivo fundamental no artigo 3º, inciso I, “construir uma sociedade livre, justa e solidária”. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação (1996) prevê que as aprendizagens ocorridas no contexto educativo devem vincular-se à prática social. Além disso, a moralidade tem sido apontada, inclusivamente como tema transversal na educação, o que torna possível que qualquer profissional desse meio se aproprie do assunto, pois a moralidade permeia todo currículo e diz respeito a todas as atividades humanas (BRASIL, 1996).

Torna-se necessário então refletir sobre estratégias podem ser utilizadas a fim de promover a aquisição de tais comportamentos. E a esse respeito Gomide (2010, p. 32) destaca:

A tarefa básica da educação dos valores morais deve ser a de estimular o desenvolvimento de pessoas que não mentem, não trapaceiam, não roubam ou não agredem os demais. Pesquisas sobre o desenvolvimento dos entendimentos morais das crianças têm revelado que a moralidade começa na primeira infância com um foco sobre questões de dano a si mesmas e a outrem.

Pensar em comportamentos morais enquanto comportamentos apreendidos possibilita a reflexão de quais estratégias podem ser mais efetivamente empregadas a fim de alcançá-los. Um processo complexo, que coloca no centro do desafio, o educador como um dos principais modelos disponíveis a criança (DEVRIES; ZAN, 2007).

Referências

ALLEN-ARAVE, Wesley; GURVEN, Michael; HILL, Kim. Reciprocal altruism, rather than kin selection, maintains nepotistic food transfers on an ache reservation. **Evolution and Human Behavior**. [S.I]. sep. 2008, v. 29, n. 5, p. 305–318.

BLAKE, Peter R; RAND, David G. Currency value moderates equity preference among young children. **Evolution and Human Behavior**. [S.I]. mai. 2010, v. 31, p. 210–218.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Senado Federal, 1988.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília: Câmara dos Deputados, 1996.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Brasília, 2009.

SPEARMAN, Charles. The proof and measurement of association between two things. **Am J Psychol**, 1904, 15: 72–101

CHEN, Yongxiang; ZHU, Liqi; CHEN, Zhe. Family income affects children's altruistic behavior in the dictator game. **Plos ONE**. [S.I]. nov. 2013, v. 8, n. 11, p. 1-8.

CHERNYAK, Nadia; KUSHNIR, Tamar. Giving preschoolers choice increases sharing behavior. **Psychological Science**. Massachusetts. aug. 2013, n. 24, v. 10, p. 1971-1979.

COMTE-SPONVILLE, André. **Pequeno tratado das grandes virtudes**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

DE BACKER, Charlotte. et al. "Our" food versus "my" food. Investigating the relation between childhood shared food practices and adult prosocial behavior in Belgium. **Appetite**. [S.I]. jan. 2015, n. 84, s/v. p. 54–60. Jan. 2015.

DESSEN, Maria Auxiliadora; POLONIA, Ana da Costa. A família e a escola como contextos de desenvolvimento humano. **Paidéia (Ribeirão Preto)**. apr. 2007. Ribeirão Preto, v. 17, n. 36, p. 21-32.

DEVRIES, Retha; ZAN, Beth. **A ética na educação infantil: um ambiente sócio-moral na escola**. 1. ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

DE WAAL, Frans. **Eu Primata: porque somos como somos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

EISENBERG, Nanci; SPINRAD, Tracy. Multidimensionality of prosocial behavior. Rethinking the conceptualization and development of prosocial behavior. In: PADILLA-WALKER, Laura M e CARLO, Gustavo. **Prosocial development: a multidimensional approach**. New York: Oxford University Press. 2014. pp.17-42.

FALCONE, Eliane Mary de Oliveira. et al. Inventário de empatia (I.E): desenvolvimento e validação de uma medida brasileira. **Avaliação Psicológica**. Porto Alegre, dez. 2008, v.7, n. 3, p.321-334.

FLOURI, Eirini; SARMADI, Zahra. Prosocial behavior and childhood trajectories of internalizing and externalizing problems: the role of neighborhood and school contexts. **Developmental Psychology**. England. nov. 2015, v.52, n.2, p.253.

GOMIDE, Paula Inez Cunha. **Comportamento moral**: uma proposta para o desenvolvimento das virtudes. Curitiba: Juruá, 2010.

GONÇALVES, Luana da Silva; BOTTOLI, Cristiane. Paternidade: a construção do desejo paterno. *Barbarói*. Santa Cruz do Sul. dez. 2016, s/v, n. 4, p. 185-204.

HOFFMAN, Edward; SILVEIRA, Renata Franco da; POLYDORO, Juliana Izabel. Altruísmo no Brasil: um estudo exploratório. **Mudanças – Psicologia da Saúde**. São Paulo, dez. 2010, v.18, v.1-2, p. 36-46.

JACKSON, Melanie; TISAK, Marie S. Is prosocial behaviour a good thing? Developmental changes in children's evaluations of helping, sharing, cooperating, and comforting. **British Journal of Developmental Psychology**. England. dez. 2010, v.19, n. 3, p. 349-367.

KAPLAN, Hillard; GURVEN, Michael. The natural history of human food sharing and cooperation. A review and a new multi-individual approach to the negotiation of norms. In GINTIS, Herbert; BOWLES, Samuel; BOYD, Robert; FEHR, Ernst. **Moral sentiments and material interests. The foundations of cooperation in economic life**. London, UK: The MIT Press, 2005. pp. 75–113.

KRUEGER, Robert F; HICKS, Brian. M; MCGUE, Matt. Altruism and antisocial behavior: Independent tendencies, unique personality correlates, distinct etiologies. **Psychology Science**. [S.I]. set. 2001, v.12, n. 5, p.397-402.

LEIMGRUBER, Kristin L. et al. Young children are more generous when others are aware of their actions. **Plos ONE**. Connecticut. Out.2012, v.7, n. 10, p. 1-8.

LENCASTRE, Marina Prieto Afonso. Bondade, altruísmo e cooperação. Considerações evolutivas para a educação e a ética ambiental. **Revista Lusófona de Educação**. Porto. ago. 2010, v.15, n.15, p. 113-124.

LORDELO, Eulina da Rocha; CARVALHO, Ana Maria Almeida. Comportamento de cuidado entre crianças: uma revisão. **Psicologia, Teoria e Pesquisa**. São Paulo. 1989, v. 5, n. 1, p. 1-19.

MARTIN-RAUGH, Michelle P; KELL, Harrison J; MOTOWIDLO, Sthepan J. Prosocial knowledge mediates effects of agreeableness and emotional intelligence on prosocial behavior. **Personality and Individual Differences**. [S.I]. fev.2016. v. 90, s/n, p. 41-49.

NEWTON, Emili. K. et al. Do sensitive parents foster kind children, or vice versa? Bidirectional influences between children's prosocial behavior and parental sensitivity. **Developmental Psychology**. [S.I]. jun. 2014, v.50, n. 6, p.1808-1816.

PONTES, Antonio Carlos Fonseca. Ensino da correlação de postos no ensino médio. In: 19º Simpósio Nacional de Probabilidade e Estatística, 26 a 30 jul. 2010. Disponível em: < <https://goo.gl/aeB5qB>>.

RESENDE, Marília Mesquita; PORTO, Juliana Barreiros. Escala de Identidade Moral: evidências de validade para o contexto brasileiro. **Psico-USF**. Itatiba. abr. 2017, v. 22, n. 1, p. 75-85.

RUSHTON, Jhon Philippe; CHRISJOHN, Roland D; FEKKEN, G. Cynthia. The altruistic personality and the self-report altruism scale. **Personality and Individual Differences**. Canadá. mar. 1981, v.2, n. 4, p. 293-302.

SABBAG, Gabriela Mello. **Práticas educativas maternas e comportamento pró-social infantil**. Florianópolis. 2017. 227 f. Tese (Doutorado em Psicologia) Universidade Federal de Santa Catarina.

SAMPAIO, Angelo Augusto Silva; OTTONI, Eduardo Benedicto; BENVENUTI, Marcelo Frota Lobato. A Análise do Comportamento no contexto do estudo evolucionista do comportamento social e da cultura. **Estudos de Psicologia (Natal)**. Natal. set. 2015, v. 20, n. 3, p. 127-138.

SCHLINGER, Henry D Jr. **A Behavior Analytic View of Child Development**. Nova York: Plenum Press, 1995.

SCHMIDT, Marco F H; SOMMERVILLE, Jessica A. Fairness expectations and altruistic sharing in 15-month-old human infants. **Plos ONE**. [S.I]. Out.2011 v.6, n. 10, p. 1-7.

WARNEKEN, Felix; TOMASELLO, Michael. The roots of human altruism. **British Journal of Psychology**. [S.I]. mai. 2011, v.100, n. 3, p. 455-471.

ZAHN-WAXLER, Carolyn. et al. Development of concern for others. **Developmental Psychology**. [S.I]. jan.1992, v. 28, n. 1, p. 126-136.

Recebido em: 27/07/2018
Aprovado em: 01/12/2018